

O ATOR POLÍTICO JORNAL NACIONAL E A DESCONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

THE POLITICAL ACTOR JORNAL NACIONAL AND THE DECONSTRUCTION OF BRAZILIAN DEMOCRACY:

Ângela Maria Carrato Diniz¹

Eliara Santana Ferreira²

Juarez Rocha Guimarães³

Resumo: O objetivo desta pesquisa, cujos resultados parciais compõem este artigo, foi apontar as estratégias discursivas utilizadas na construção da narrativa jornalística produzida pelo Jornal Nacional (JN), mais importante telejornal da mais importante rede de TV do Brasil, a Rede Globo. Tal narrativa foi determinante para processos históricos recentes do país – o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Roussef e a eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro. A observação desta construção nos permite dizer que o Jornal Nacional é um ator atuante que se insere no cenário político nacional com bastante impacto, com um grande poder comunicativo e um movimento político orientado a partir de determinados objetivos. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram analisadas quase duas mil edições diárias do JN, e as unidades de análise foram as reportagens e matérias das edições do jornal nesse período relatado.

Palavras-Chave: Jornal Nacional 1. Discurso 2. Democracia 3.

Abstract: The main objective of this research, whose partial results make up this article, was to point out the discursive strategies used in constructing the journalistic narrative produced by Jornal Nacional (JN), the Rede Globo TV's most important news program. Rede Globo TV is the most influential TV network in Brazil. Such narrative was determinant for recent historical processes in the country - former president Dilma Roussef's impeachment and Jair Bolsonaro's election. The observation of this construction allows us to say that Jornal Nacional is an active actor that inserts itself in the national political scene with significant impact, with great communicative power, and a political movement from specific objectives. For the development of the research, We have analyzed almost two thousand daily editions of JN.

Keywords: Jornal Nacional 1. Discourse 2. Democracy 3.

¹ Ângela Carrato é jornalista e professora do Departamento de Comunicação Social da UFMG, doutora em Comunicação Social angelacarrato@uol.com.br

² Eliara Santana é jornalista e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Multilinguismo e Interculturalidade no Mundo Digital CLE/Unicamp, doutora em Linguística e Língua Portuguesa eliasantana14@gmail.com

³ Juarez Guimarães é professor do Departamento de Ciência Política da UFMG, doutor em Ciência Política, com pós-doutorado em Filosofia Política juarezrg15@gmail.com

1. Introdução

A recente história política e social do Brasil, no período compreendido a partir do ano de 2014, é marcada por eventos de grande impacto, como o impeachment da então presidenta eleita Dilma Rousseff e a eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro. O processo de impeachment, que deflagra uma ruptura da normalidade institucional, não se encerra no episódio de conclusão do processo, pelo contrário, perdura inserindo o país num quadro de grande polarização social e também de desestruturação política e econômica, estendendo-se ao processo eleitoral de 2018 e posteriormente.

Durante esse período histórico, um ator com destacada atuação política foi, sem dúvida, o Jornal Nacional, principal telejornal da Rede Globo de Televisão, a mais relevante e poderosa emissora de TV do país. Esse ator operou um processo de desconstrução diária da democracia brasileira a partir da estruturação de uma narrativa de crise política alicerçada por três elementos principais: demonização da política, apoio à Operação Lava Jato e ressignificação do repertório corrupção (vinculado apenas a grupos específicos).

Desafiados por essa construção, a partir das edições diárias do JN, nos propusemos a investigar as bases formadoras dessa narrativa. O poder comunicativo do Jornal Nacional é fruto de sua potência comunicativa (o número de pessoas que compõe a sua audiência), de sua potência persuasiva (a credibilidade de sua narrativa e seu poder de convencimento) e de sua potência orgânica (o fato de expressar interesses e programas de atores políticos organizados na sociedade brasileira). Portanto, é um ator atuante que se insere no cenário político nacional com bastante força.

Não é exagero dizer que o Jornal Nacional passou, nos anos recentes, do uso de um poder comunicativo extraordinário na imperfeita democracia brasileira para um movimento político orientado no sentido de corroer as próprias bases mínimas

desta democracia. Este estudo aqui apresentado traz recortes da pesquisa mais ampla desenvolvida, em que foram analisadas quase duas mil edições diárias do JN. As unidades de análise foram as reportagens e matérias das edições do jornal nesse período relatado, levando-se em conta categorias de análise como silenciamento, enquadramento e agendamento.

Observamos, nas reportagens e matérias em contextos e momentos políticos distintos, as estratégias discursivas utilizadas para a construção das notícias, bem como as variações das abordagens de temas semelhantes (corrupção e crise econômica, por exemplo), a referenciação de atores, o silenciamento com viés positivo e viés negativo, o enquadramento de determinados assuntos, o agendamento de temas.

Assim, de 2014 até os primeiros anos do governo Jair Bolsonaro, a narrativa do Jornal Nacional, apesar de uma série de deslocamentos políticos – apoio à ação de Eduardo Cunha e ao governo Temer seguidos de um afastamento de suas imagens negativas, apoio a Aécio Neves e destruição de sua imagem pública, apoio a Bolsonaro e oposição à sua identidade em processo crescente de impopularidade – apresenta duas grandes linhas de continuidade: a defesa de uma política neoliberal radicalizada em suas vertentes privatistas e mercantis e a defesa incontestada da Operação Lava Jato.

2. Discurso e informação

Diante da dimensão do papel da narrativa jornalística, não é exagero considerar que o processo de impeachment de Dilma Rousseff poderia ter outra condução e resultado se não fosse o papel da mídia corporativa, em especial do Jornal Nacional, que construiu uma narrativa capaz de levar o público em geral a associar um determinado grupo político a uma corrupção sem precedentes.

Da mesma forma, não seria exagero considerar o papel significativo dessa mesma mídia no processo eleitoral de 2018, que culminou com a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da República. Também naquele momento e nos que o antecederam, houve a construção de uma narrativa que produziu um grande inimigo

comum e favoreceu determinado ator político, potencializada pela parceria que se observou com a Operação Lava Jato.

O discurso de informação desempenha um papel central no cenário político, econômico e social do país, e a notícia que chega às pessoas é um objeto discursivo, produzido, construído. Quando o fato é reconfigurado na encenação em uma narrativa jornalística, o objetivo é que esse poder de convencimento e persuasão seja potencializado. Assim, buscando compreender as bases dessa narrativa, indagamos quais foram as estratégias discursivas e como elas se organizaram no discurso de informação e se constituíram para tornar a narrativa um elemento potente.

Nesse campo de influências que se estabelece, em que a linguagem está em sintonia com a ação, a grande imprensa comercial disputa o jogo operando como instância legitimada para relatar a outrem – a população – os acontecimentos no modo de informação. Portanto, não há como pensar o campo político negligenciando ou minimizando a ação da imprensa, não é possível discutir os desdobramentos dos processos na democracia sem discutir o papel da mídia. Como afirmam Chomsky e Herman (1989, p. 21), é função dos meios de comunicação “divertir, entreter e informar e inculcar nos indivíduos os valores, crenças e códigos de comportamento que os integrarão às estruturas institucionais da sociedade mais ampla”.

No Brasil, durante o processo que culmina no impeachment de Dilma Rousseff, e em momentos imediatamente posteriores, há uma convergência dos grandes setores/atores do espaço público – jurídico, midiático, político e econômico –, que assumem uma voz única e uníssona. Nessa convergência, o discurso de informação torna-se o grande legitimador, para a população, de um conjunto de valores e normas do sistema dominante.

Nesse cenário, a corrupção se torna um elemento simbolicamente expressivo para configurar um imaginário sociodiscursivo, e a Operação Lava Jato cumpre o papel de um grande agente a salvar a pátria. A narrativa concretizada pelo discurso de informação é portanto uma peça essencial para que determinadas visões de mundo se consolidem e sejam propagadas.

Notícias são socialmente construídas, o que significa dizer, segundo Fowler (1991 p. 11), que os eventos reais (fatos) reportados são objetos de um processo convencional de seleção e não refletem, portanto, a importância daqueles eventos em si mesmos, mas uma complexa e artificial operação. Esse processo de seleção - e de consequente transformação do fato em notícia - é sempre guiado por uma referência a valores e crenças.

As notícias se estruturam, então, como práticas que, longe de serem reflexos neutros de um mundo real, se organizam - ou são organizadas - para a construção social de uma dada realidade. Há códigos da linguagem que distinguem com sentidos e significados, estabelecendo distinções - em relação ao fato reportado na notícia - que não estão presentes naturalmente, lembrando sempre que a linguagem, como código, organiza as representações mentais para a experiência humana. Segundo Fowler, a influência da linguagem sobre o pensamento se dá à medida que sua estrutura é a que canaliza a experiência mental do humano em relação ao mundo. A notícia será, portanto, uma representação do mundo pela linguagem.

O viés na notícia relaciona-se ainda aos diferentes modos de dizer determinada coisa, determinado aspecto de um fato, e cada forma particular de expressão linguística num texto, ressalta o autor, tem a sua razão específica de ser - não são, portanto, alternativas “acidentais” ou escolhas aleatórias.

What is being said is that, because the institutions of news reporting and presentation are socially, economically and politically situated, all news is always reported from some particular angle. The structure of the medium encodes significances which derive from the respective positions within society of publishing or broadcasting organizations⁴ (FOWLER, 1991 p. 10).

Os eventos do mundo, os acontecimentos que de fato ocorrem - acidentes, problemas na economia, criminalidade, para citar alguns bem genéricos - são

⁴ O que está sendo dito é que, como as instituições de reportagem e apresentação de notícias são socialmente, economicamente e politicamente situadas, todas as notícias são sempre relatadas de algum ângulo particular. A estrutura do meio codifica os significados que derivam das respectivas posições dentro da sociedade das organizações editoriais ou de radiodifusão.

submetidos a processos de seleção, que sofrem a injunção dos vieses de origem daquela instituição que seleciona.⁵

Ao definirmos a notícia como discurso, queremos situá-la como um elemento específico dentro da estrutura do discurso de informação, que se diferencia de outros gêneros jornalísticos (editorial, reportagem), com processos implicados em sua produção e nos usos que se fazem dela. Há relações complexas que se estabelecem entre notícia e contexto, e esse último determina, em grande medida, a estrutura desse objeto. Tomando a abordagem de Van Dijk (1990), propomos, portanto, uma análise da notícia como discurso numa perspectiva histórica, social e econômica, acentuando já um distanciamento de certa forma canônica de descrever esse gênero como relato de um acontecimento relevante, uma informação que descreve ou apresenta um fato⁶.

As estruturas textuais que conformam a notícia influenciam a compreensão por parte dos leitores, espectadores e ouvintes, influenciam a produção de sentidos. De acordo com Van Dijk (1990), a notícia pode ser caracterizada como a) nova informação sobre objetos e pessoas; b) um programa típico que traz itens jornalísticos; c) um informe jornalístico em que se oferece uma atualização de um acontecimento⁷.

Considerando-se o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, uma rede de facticidade operou de forma coordenada na construção de representações que

⁵ O viés está presente em determinadas escolhas - palavras, verbos, expressões -, enquanto o enquadramento refere-se sobremaneira a um direcionamento específico do olhar. É claro que se aproximam em muitos momentos na constituição de uma rede de informação, podendo ser bem similares.

⁶ Como gênero jornalístico, a notícia é fruto de um processo de seleção de fatos ou acontecimentos relevantes para o público sob determinados pontos de vista. Mas, tomada na perspectiva discursiva, não queremos dimensionar esse gênero a partir somente de critérios técnicos.

⁷ Apresentamos aqui, de modo breve, uma definição proposta pelo professor Nilson Lage, para esboçar o conceito a partir de definição específica da prática do jornalismo:

“Com tal objetivo, poderemos definir notícia como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante. Assim, reduzimos a área de discussão ao que venha ser importante, palavra na qual se resumem conceitos abstratos como o de verdade ou interesse humano. Permitimo-nos encarar a notícia como algo que se constitui de dois componentes básicos: a) uma organização relativamente estável, ou componente lógico, e b) elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia - o componente ideológico”.

enquadraram e moldaram a percepção dos acontecimentos, sempre com suporte em instâncias representativas do mundo político e social.

Para ilustrar essa abordagem, trazemos um exemplo. Trata-se da cobertura do JN da greve geral ocorrida no Brasil exatamente 100 anos após a primeira greve no país, em 30 de abril de 1917. Era o momento pós-impeachment, com o governo Michel Temer já em vigor. Temos as seguintes chamadas (FIG. 1)

Figura 1: Greve geral JN 30-04-2017

“Protestos no Rio têm confronto e oito ônibus queimados”
“Manifestantes bloqueiam rodovias em Minas Gerais e no Espírito Santo”
“Em Brasília, paralisação deixa 820 mil sem transporte público”
“Principais cidades do Sul ficam sem transporte coletivo”
“No Recife, 1,8 milhão de passageiros fica sem transporte público”
“Centrais sindicais e CUT consideram paralisação “muito bem sucedida”

A cobertura do JN pode ser organizada a partir do seguinte esquema:

- **Enquadramento:** transtorno para a população. Predominância do status negativo do movimento, com destaque para transtornos (tráfego intenso, falta de transporte), incidentes nas ruas, cenas de violência. A chamada principal para o bloco foi “Centrais sindicais fazem manifestações em 26 estados e no Distrito Federal”.
- **Atores com viés negativo:** são sempre os sindicalistas. Estabelecem-se os campos de sentidos NÓS x ELES.
- Ausência de ligação com qualquer contexto histórico (não há menção à história mais antiga, a primeira greve geral do país, nem ao cenário da mobilização - as reformas do Governo Temer que retiravam direitos da população).

- ▶ Projeção do **ethos** – jornalismo plural, comprometido com a notícia (há uma fala editorial nesse sentido fechando o jornal, cuja chamada é “Globo começou de madrugada cobertura das manifestações”).
- ▶ Forte dramatização para o público no relato dos referidos transtornos, o que contribui para reforçar estereótipos (manifestantes como “arruaceiros” por exemplo, ou sindicalistas como “baderneiros”, todos esses atores ligados a um grupo partidário específico).

3 Construção de uma narrativa

A narrativa jornalística é estruturada a partir das notícias veiculadas pelos meios, diariamente. E tais notícias têm características estruturantes que são relevantes para compreendermos o funcionamento da narrativa. São as descritas a seguir.

- ▶ A-historicidade – as notícias não têm ligação histórica – elas são puramente factuais, retratando prioritariamente o momento, sem se referirem ou se conectarem a um real que é histórico. A corrupção, por exemplo, é sempre abordada numa perspectiva de momento, de algo factual, que se liga a personagens do presente e que, portanto, ocorre apenas recentemente. Não há qualquer vínculo histórico ou com outros personagens de outros momentos históricos.
- ▶ Estereotipagem – como aponta Fairclough (1989), a forma gramatical na qual os títulos das chamadas são apresentados é a da nominalização, ou seja, um processo (algo que se desenrola e tem aspectos vários) é definido e representado por um nome, que é qualificado simbolicamente. Um exemplo é a alcunha “Petrolão”, que aparece como versal e é designada para fazer referência às notícias sobre as investigações na Petrobras, cuja construção designativa remete à corrupção (a desinência nominal “ão”, quando utilizada nos substantivos e adjetivos indica uma dimensão exagerada, algo muito grande).
- ▶ Evidências tomadas como fatos – nesses momentos específicos citados, o noticiário do JN toma denúncias de corrupção, que ainda estão sendo

avaliadas pela instância judicial competente, como fatos já dados, consolidados, que não podem ser refutados ou questionados.

- Publicização – o Judiciário, em particular a Polícia Federal, é tomada e retratada como entidade inquestionável, e ocupa o cerne do noticiário como ator preponderante. Em diversas edições do JN, as ações da Lava Jato são sempre mostradas de forma espetaculosa, com os agentes em ação, como num filme. Há sempre muitas imagens e o relato das ações, sem qualquer objeção. Há também as fontes do Judiciário - nas primeiras etapas da Lava Jato -, determinados procuradores e ministros do Supremo que aparecem como fontes a darem a palavra final, sem questionamento, portanto. Eram sempre os mesmos procuradores e ministros a aparecerem.

De acordo com Motta (2005), as narrativas jornalísticas são construídas por meio de estratégias de organização do discurso com operações linguísticas (estruturando modos de dizer) para direcionar a produção de sentido.

Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem a operações e opções (modos) linguísticos e extralinguísticos para realizar certas intenções e objetivos. A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). (MOTTA, 2005, p.2)

A organização, portanto, não se dá de modo aleatório, sendo estruturada apenas para retratar mera representação da realidade – a narrativa construída é, como descreve o autor, um dispositivo discursivo, portanto, uma forma de exercício de poder. As notícias (dispostas nas edições diárias do JN) vão compor um conjunto simbólico significativo, e há um cenário recriado na e pela narrativa, com novos elementos que estabelecem um jogo entre realidade e ficção. Dessa forma, tomamos a narrativa jornalística como ação - uma ação estratégica de produção de sentidos.

Considerando-se outro momento na construção narrativa operacionalizada pelo Jornal Nacional, a produção de consenso em torno de um personagem da cena política foi uma ação calculada e reiterada na cobertura diária em relação ao ex-presidente Lula, o que se intensificou em certo momento após o impeachment. Além da cobertura essencialmente negativa, a fabricação de consenso para ressaltar a culpabilidade de Lula trabalhou a partir de dois sustentáculos: a consolidação de um tema/repertório, a corrupção, que embasou o noticiário, e a construção de um inimigo comum. Essa foi pautada, no noticiário do JN, por alguns aspectos que compuseram um padrão na narrativa:

1) Ligar o personagem ao repertório: ao longo do noticiário, a figura de Lula foi sistematicamente sendo trazida para o centro do tema corrupção, ganhando mais proporção que outros atores, mesmo sem que houvesse, em determinados momentos, novas denúncias.

2) Parceria Mídia-Judiciário: esse “trabalho conjunto” foi, sem dúvida, a grande sustentação para a projeção desse inimigo comum e a construção do consenso. Ganha contornos expressivos a estratégia de vazamentos cada vez mais frequentes das ações da PF com a encenação da notícia. O espetáculo ocupa o lugar de um noticiário equilibrado.

3) Silenciamento como política editorial: essa política foi sistemática ao se calar sobre os desdobramentos das delações - ou seja, os holofotes eram jogados apenas sobre os aspectos que interessavam para reforçar a vinculação de Lula ao repertório corrupção - bem como sobre os indícios de violações nesse processo. Se a narrativa institui uma realidade - ao trazer um dado de real ao público - então, quando determinado acontecimento não integra aquela narrativa, ele deixa de fazer parte do contexto. O silenciamento foi constitutivo da narrativa midiática desse período.

Nesse aspecto da estratégia narrativa, o principal é despertar a emoção do espectador, explorando sentimentos (de raiva, indignação, alegria, comoção) pelo



uso de diversos recursos, do ponto de vista do léxico, com adjetivos para os personagens, bem como imagens fortes, construções simbólicas com uso de cores e detalhes gráficos, ilustrações para as notícias, modalização da voz e da entonação (mais grave e circunspecta em alguns momentos, efusiva em outros).

As cenas de enunciação legitimam o discurso, por isso, a construção de cenas enunciativas é uma estratégia relevante na abordagem das edições do JN. O discurso, como salienta Maingueneau (1998), pretende convencer instituindo uma cena de enunciação que legitima o que está sendo trazido como discurso (no caso do jornal, a notícia), assim sendo, a cenografia não pode ser tomada apenas como cenário que servirá de ilustração para aquela notícia - ela é essencial para a construção de sentidos no discurso, para que pontos de vista cristalizados sejam levados como notícia. E nessa encenação, as representações, os repertórios, os vieses e os pontos de vista trabalham para integrar aquele cenário, produzindo sentido.

Assim temos, por exemplo, a partir de 2015, o uso recorrente de cenários no JN como os mostrados abaixo, o que se intensifica com as ações cada vez mais ostensivas da Operação Lava Jato.

FIGURA 1 – William Bonner e imagem vermelha ao fundo



FONTE: JN 05-04-2016

A imagem é uma tela de uma edição do JN, utilizada de modo recorrente em reportagens sobre corrupção, com o apresentador William Bonner. No fundo vermelho, destaca-se um duto grande por onde sai bastante dinheiro. Essa imagem foi utilizada reiteradamente nas notícias sobre corrupção, Lava Jato e os governos petistas, sobretudo em relação ao ex-presidente Lula. O tom dos narradores era sempre grave, num semblante sisudo e compenetrado.

Em vários outros momentos da narrativas, em diversos contextos políticos e temporais, tal imagem se repete, como nos exemplos a seguir:



FIGURA 2 – Cenário do JN com fundo vermelho



Fonte: JN 18-08-2017

FIGURA 3 – Cenário do JN com fundo vermelho



Fonte: JN 01-10-2018

FIGURA 4: Pallocci diz que Lula sabia da corrupção na Petrobras



Fonte: JN 01-10-2018 Link para a matéria: <https://globoplay.globo.com/v/7057660/>

Os cenários mostram ao telespectador um fundo vermelho intenso (que lembra a cor utilizada pelo Partido dos Trabalhadores), com um cano bem largo por onde escorre dinheiro. É o cenário utilizado para ilustrar as denúncias envolvendo corrupção e as ações da Lava Jato nesse sentido - preferencialmente em relação às denúncias que se referiam a políticos do Partido dos Trabalhadores. O conteúdo de determinadas notícias, sem o recurso da eloquência do cenário, certamente perderia muito do impacto que poderia causar nos telespectadores. O alcance de uma notícia não se dá apenas pelo conteúdo estrito, mas pela forma como esse conteúdo é levado ao telespectador.

Além da construção de cenas enunciativas para ressaltar o tema corrupção, o silenciamento como política editorial funcionou para retirar a repercussão positiva de determinados assuntos, como vemos em um exemplo de uma abordagem de tema

de relevância no âmbito econômico no começo do segundo mandato de Dilma Rousseff.

Figura 5 – Matéria JN “Desemprego fica em 4,8% em 2014”



Fonte JN 29-01-2015 Link para a matéria: <https://globoplay.globo.com/v/3928763/>

A matéria é sobre o menor patamar do índice de desemprego registrado pelo IBGE no país em toda a história, tendo atingido 4,8% em dezembro de 2014. A matéria teve 18 segundos ao todo, sendo a terceira do bloco (não foi a principal). O cenário que a compõe tem destaque para o enquadramento temático como estratégia. A opção editorial é destacar os números de maneira não contextualizada, apenas citando as informações. A cena englobante é estática, mostrando apenas a bancada com Sandra Annenberg, fundo neutro e a projeção virtual dos números relativos ao desemprego.

Essa estrutura retira a força que uma vinculação histórica poderia trazer para as inferências do espectador. Podemos representá-la como se segue:

TABELA 1

Acontecimento/fato	Índice de desemprego alcança marca histórica no Brasil - com menor índice desde que começou a ser medido
Cenário da apresentação	Fundo neutro azul, quadro com números projetados, aparência sisuda da apresentadora, sem nenhum traço de emoção
Enquadramento	O título do quadro era DESEMPREGO, em letras maiúsculas, sem dimensionar (maior, menor, histórico)
Chamada para matéria (na entrada do bloco)	Desemprego fica em 4,8% nas regiões metropolitanas em 2014, aponta IBGE
Íntegra da matéria	Em 2014, o desemprego nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE ficou em 4,8%. É a menor taxa desde que a fórmula de calculo mudou, há 12 anos. O rendimento médio do trabalhador subiu para 2.104 reais

A matéria é curta e traz destaque para o índice de desemprego - sem no entanto relacioná-lo a outras questões conjunturais como o significado para a economia em geral e para a renda das famílias. Há menção ao fato de ser a menor taxa desde que a medição vem sendo feita e a informação, novamente sem contextualização ou interpretação, do aumento da renda do trabalhador.

Em relação ao então candidato Jair Bolsonaro, ocorre uma estratégia de silenciar para não expor - ou uma humanização de um candidato controverso e declaradamente homofóbico em curso – era preciso não dizer para dizer algo. Assim, sobretudo após o episódio da facada de que foi vítima Bolsonaro, a estratégia de cobertura do Jornal Nacional é usar as imagens para se sobreporem às palavras - o então candidato Jair Bolsonaro não mais tem registrado o discurso

direto, ele aparece em imagens no hospital, e sua fala é filtrada pelos tuítes, que são reproduzidos pelo JN. São mostradas imagens do candidato em recuperação, combalido; enfraquecido, mas resignado. A “fala” do candidato é modalizada pelos posts no Twitter, reproduzidos com destaque pelo jornal.

Simbolicamente, quando a fala é novamente creditada a Jair Bolsonaro, ha um novo ator que aparece no avião saindo do hospital, claramente diferente do candidato que proferia insultos e dava declarações de cunho homofóbico. Outro elemento do silenciamento com viés positivo é o pouco destaque às manifestações contrárias a Bolsonaro, o movimento chamado #EleNão, convocado por mulheres em todo o país, com um grande número de manifestantes.

FIGURA 6 - Reportagem JN “Em entrevista ao JN, Bolsonaro diz que está feliz de voltar para casa”



Fonte: JN 29-09-2018 Link para a matéria <https://globoplay.globo.com/v/7054322/>

4. Conclusão

A narrativa é discurso, e a narrativa jornalística se estrutura como uma construção argumentativa a partir de um projeto de dizer de um enunciador, em que a linguagem, como nos mostra Fiorin (1988), “não se refere somente aos sistemas

de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação”.

Considerando-se tais aspectos, a relevância da compreensão dos elementos que se combinaram para estruturar a narrativa jornalística do maior jornal televisivo do país, o Jornal Nacional, nos parece bastante clara. A observação das estratégias e dos padrões presentes na narrativa da mídia corporativa, considerando-se especialmente a cobertura jornalística do JN, estabeleceu a projeção de um determinado cenário econômico e político no país.

Dessa forma, as construções simbólicas (presentes nas estruturas linguísticas das chamadas e reportagens econômicas), repetidas de maneira constante, consolidadas em valores simbólicos, possibilitaram a criação de identificações e a formação de um quadro negativo de percepção do real em relação a determinado contexto e determinados atores.

De um modo geral, nas notícias veiculadas pelo JN nesse período, percebe-se um padrão narrativo, com variações nos momentos, marcado por:

a) *Ênfase na dimensão negativa*: com o uso de palavras, expressões e termos com referências negativas.

b) *Composição de uma cena enunciativa*: a emoção no discurso é muito bem trabalhada para que o leitor interaja com a narrativa.

c) *A dramatização da informação enunciada*: a emoção na narrativa não deixa espaço para a contextualização histórica.

d) *O silenciamento como estratégia*: há um projeto de dizer que utiliza o silenciamento como estratégia de produção de sentido. Esse projeto de dizer orienta a materialização do discurso (querer dizer), construindo uma estrutura de “dizer X” para “não dizer Y”.

e) *Ressignificação de temas*, dando origem a novos campos de sentido.

A narrativa que se alicerçou na construção da ideia de que não era possível tolerar a maior corrupção jamais vista no país, cujos responsáveis deveriam ser banidos do espectro político nacional, apresentou aos espectadores os

acontecimentos ressignificados naquele contexto, sem possibilidade de outras contextualizações ou discordâncias. Organizou a percepção de uma realidade que não estava ao alcance direto dos telespectadores, dado que a percepção das coisas do mundo é mediatizada.

A narrativa se propôs a construir um consenso em torno da ideia de que nunca antes na história do país houve tanta corrupção, sendo portanto necessário combater um inimigo (primeiro, o elemento em si, depois, o causador desse estado de coisas). Colocada em cena pelo Jornal Nacional, tal estrutura de condução da notícia realçou um projeto de dizer que se vinculava a um projeto de poder político.

Referências

- ABRAMO, P. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- AZENHA, L.C.; CARRATO, A.; SANTANA, E. A diabólica parceria entre a Globo e o juiz do Paraná. in **Relações obscenas – As revelações do The Intercept Brasil**. RAMOS, W.; NASSIF, M.I.; CAVALCANTI, H.; GONÇALVES, M. (Coords.). São Paulo: Tirant lo Blanch, 2019.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública – Como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHOMSKY, N; HERMAN, E. **Manufacturing consent**. New York: Routledge, 1988
- EMEDIATO, W. (Org.). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: NAD, 2013.
- FERREIRA, Eliara Santana. **Jornal Nacional, um ator político em cena – Do impeachment de Dilma Rousseff à eleição de Jair Bolsonaro: as bases da construção da narrativa jornalística que legitimou processos políticos na recente história brasileira** / Eliara Santana Ferreira. Belo Horizonte, 2020. 176 f. : il. Tese de Doutorado
- GUIMARÃES, J. & SANTANA, E. **Uma nova etapa da narrativa do Jornal Nacional: a desconstrução do mito**, in Carta Maior, 26-05-2020. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia-e-Redes-Sociais/Uma-nova-etapa-da-narrativa-do-Jornal-Nacional-A-desconstrucao-do-mito/12/47606> Último acesso em 01-07-2020



MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MOTTA, L.G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2005

MOTTA, L.G. (2004). Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. Revista eletrônica e-compós, edição 1, dez/2004: <http://www.compos.org.br/e-compos>

MOTTA, L.G. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais** Manaus: Intercom, 2005b. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em 20-03-2019

ORLANDI, E. **As formas do silêncio** – No movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

ORLANDI, E. **Discurso em análise** – Sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012

VAN DIJK, T. **La noticia como discurso** – Comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Ediciones Paidós, 1980